

Organização do trabalho, maternidade e saúde mental: O double bind na docência universitária

Work Organization, Motherhood, and Mental Health: The Double Bind in University Teaching

Organización del Trabajo, Maternidad y Salud Mental: El Double Bind en la Docencia Universitaria

Estudo empírico

Rayana Santedicola-Andrade¹

<https://orcid.org/0000-0003-4602-4182>

E-mail: rayana.santedicola@ufba.br

Roseli Alves Mendonça Borges¹

<https://orcid.org/0009-0004-8744-3257>

E-mail: roseli.escritora@gmail.com

Gabriela Ferreira do Nascimento¹

<https://orcid.org/0009-0008-0958-3800>

E-mail: g.nascimento@ufba.br

Michele Morelo Pereira²

<https://orcid.org/0000-0003-2437-2071>

E-mail: michelle.pereira@uemg.br

Lígia Carolina Oliveira-Silva³

<https://orcid.org/0000-0002-7487-9420>

E-mail: ligiacarol@ufrj.br

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA), Vitória da Conquista (BA), Brasil

² Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, Minas Gerais (MG), Brasil

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Editora Associada Responsável:

Mary Sandra Carlotto

<https://orcid.org/0000-0003-2336-5224>

Como citar:

Santedicola-Andrade, R., Borges, R. A. M., Nascimento, G. F., Morelo, M. M., & Oliveira-Silva, L.C. (2026). Organização do trabalho, maternidade e saúde mental: O double bind na docência universitária. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 26, e27144
<https://doi.org/10.5935/rpot/e27144>

Resumo: O objetivo foi compreender como a organização do trabalho acadêmico produz e sustenta o *double bind* vivenciado por docentes mães no ensino superior brasileiro e suas repercussões para a saúde mental, a experiência do cuidado e as trajetórias profissionais. Trata-se de pesquisa qualitativa exploratória, realizada com 28 docentes mães de instituições públicas e privadas das cinco regiões do Brasil. Os dados foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas e submetidos à análise de conteúdo, orientada pelos referenciais de organizações generificadas, norma do trabalhador ideal e *academic motherhood*. Os achados evidenciaram três eixos articulados: condições institucionais, experiência subjetiva e efeitos na carreira e na saúde. A manutenção de exigências de produtividade associada ao baixo reconhecimento institucional do cuidado relacionou-se à culpa, estratégias privadas de conciliação, renúncias profissionais e adoecimento. Conclui-se que o sofrimento vivenciado ultrapassa a sobrecarga individual, expressando contradições estruturais entre produtividade acadêmica e responsabilidades de cuidado.

Palavras-chave: saúde ocupacional, saúde mental, docentes universitárias, ensino superior, maternidade.

Abstract: The objective was to understand how the organization of academic work produces and sustains the double bind experienced by mothers who are professors in Brazilian higher education and its repercussions for mental health, caregiving experience, and professional trajectories. This is an exploratory qualitative study, conducted with 28 mothers who are professors from public and private institutions in the five regions of Brazil. Data were collected through semi-structured interviews and subjected to content analysis, guided by the frameworks of gendered organizations, the ideal worker norm, and academic motherhood. The findings revealed three interconnected axes: institutional conditions, subjective experience, and effects on career and health. The maintenance of productivity demands associated with low institutional recognition of caregiving was related to guilt, private strategies for reconciliation, professional renunciations, and illness. It is concluded that the suffering experienced goes beyond individual overload, expressing structural contradictions between academic productivity and caregiving responsibilities.

Keywords: occupational health, mental health, women faculty, higher education, motherhood.

Resumen: El objetivo fue comprender cómo la organización del trabajo académico produce y perpetúa la doble atadura que experimentan las madres docentes en la educación superior brasileña y sus repercusiones en la salud mental, la experiencia del cuidado y las trayectorias profesionales. Este es un estudio cualitativo exploratorio, realizado con 28 madres docentes de instituciones públicas y privadas en las cinco regiones de Brasil. Los datos se recopilaron mediante entrevistas semiestructuradas y se sometieron a un análisis de contenido, guiado por los marcos de las organizaciones de género, la norma del trabajador ideal y la maternidad académica. Los hallazgos revelaron tres ejes interconectados: condiciones institucionales, experiencia subjetiva y efectos en la carrera y la salud. El mantenimiento de las exigencias de productividad asociadas con el bajo reconocimiento institucional del cuidado se relacionó con la culpa, estrategias privadas de reconciliación, renuncias profesionales y enfermedad. Se concluye que el sufrimiento experimentado va más allá de la sobrecarga individual, expresando contradicciones estructurales entre la productividad académica y las responsabilidades de cuidado.

Palabras clave: salud ocupacional, salud mental, profesoras universitarias, educación superior, maternidad.

Introdução

Nas últimas décadas, o trabalho docente no ensino superior brasileiro tem sido progressivamente reconfigurado por processos de intensificação, produtivismo e avaliação permanente, impulsionados pela expansão da pós-graduação, pelos sistemas nacionais de avaliação e pelas políticas de ciência e tecnologia (Bosi, 2007; Borsoi, 2012; Pereira et al., 2026). Essas exigências extrapolam o espaço organizacional, sendo também influenciadas por políticas governamentais e pelos critérios de avaliação das agências de fomento, como CAPES e CNPq. Nas instituições públicas, essa intensificação tende a se expressar por meio de sistemas de avaliação e progressão na carreira baseados em produtividade científica contínua; nas instituições privadas, por maior carga didática, metas de desempenho e racionalização administrativa, configurando diferentes modalidades de intensificação do trabalho acadêmico (Bosi, 2007; Borsoi, 2012).

Nos anos recentes, observam-se movimentos institucionais voltados ao reconhecimento dos impactos da maternidade nas trajetórias científicas. No âmbito do CNPq, a inclusão de campo específico para registro de licença-maternidade no Currículo Lattes permite tornar visíveis períodos de afastamento relacionados ao cuidado. Na CAPES, a instituição do Comitê Permanente de Ações Estratégicas e Políticas para Equidade de Gênero sinaliza o fortalecimento da agenda de equidade no âmbito da pós-graduação (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico [CNPq], 2023; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES], 2024). Embora representem avanços importantes, tais iniciativas coexistem com uma organização do trabalho acadêmico fortemente orientada pela lógica da produtividade contínua, contexto no qual as desigualdades de gênero permanecem particularmente evidentes entre docentes que conciliam carreira científica e responsabilidades de cuidado.

Em complemento, embora a literatura nacional tenha avançado na descrição epidemiológica do sofrimento docente, ainda são menos frequentes os estudos que interrogam a dimensão generificada da organização do trabalho acadêmico e, em particular, a forma como a maternidade incide sobre a produção desse sofrimento. Com frequência, a maternidade aparece apenas como variável sociodemográfica ou como dificuldade privada de conciliação, e não como chave para explicitar a norma do trabalhador ideal e o *double bind* de gênero que estruturam o desenho androcêntrico das instituições de ensino superior (Acker, 1990; Souza et al., 2021; Pinho et al., 2023). Essa lacuna é relevante porque pesquisas indicam que docentes mulheres acumulam mais responsabilidades de cuidado e trabalho reprodutivo, associadas a maior exposição a riscos psicossociais e pior qualidade de vida física e mental, mesmo em contextos de isonomia salarial (Hirata & Kergoat, 2007; Matias et al., 2026).

No contexto brasileiro, essas tensões assumem contornos específicos em razão das características do sistema nacional de ensino superior. Essas especificidades operam de modo distinto conforme o tipo de vínculo institucional: em instituições públicas, o *double bind* tende a se expressar por meio de sistemas de avaliação de produtividade e progressão na carreira relativamente rígidos; em instituições privadas, por meio de maior carga didática e de menor estabilidade contratual, associadas a distintas formas de precarização e racionalização administrativa (Bosi, 2007; Borsoi, 2012), aspecto retomado com maior detalhamento na Discussão. A universidade, nesse cenário, continua operando, em grande medida, a partir da norma do trabalhador ideal, isto é, da expectativa de um sujeito plenamente disponível para o trabalho, sem interrupções significativas e sem responsabilidades de cuidado que afetem sua produtividade (Acker, 1990; Britton, 2000). Quando esse modelo se encontra com as exigências sociais e morais associadas à maternidade intensiva, descritas na literatura sobre *academic motherhood*, emerge uma tensão específica para docentes mães: a necessidade de produzir como se não houvesse cuidado e de cuidar como se não houvesse carreira (Cech & Blair-Loy, 2019; Ward & Wolf-Wendel, 2016a). Assim, a contribuição do conceito para o contexto brasileiro reside em evidenciar que culpa, desaceleração da carreira e adoecimento não representam respostas individuais à sobrecarga, mas efeitos de uma configuração organizacional, ao mesmo tempo em que mantém o cuidado predominantemente na esfera privada das mulheres (Acker, 1990; Ward & Wolf-Wendel, 2016b).

Esse paradoxo tornou-se um ponto central no percurso analítico do estudo. Um dos achados mais recorrentes no corpus empírico não foi apenas a presença de sobrecarga, mas o fato de mulheres altamente escolarizadas, críticas e conscientes das desigualdades de gênero relatarem predominantemente culpa e autoacusação, em vez de apenas indignação diante das condições institucionais. Em vez de tratar essas emoções como traços psicológicos individuais, buscou-se interpretá-las à luz de referenciais capazes de explicar sua recorrência nas narrativas, entre eles o conceito de *double bind* de gênero, que descreve situações em que duas ordens normativas incompatíveis operam simultaneamente, produzindo impasses para os sujeitos, especificamente neste caso, as mulheres (Eagly & Karau, 2002; Ward & Wolf-Wendel, 2016a).

No Brasil, a produção sobre maternidade e ensino superior tem se ampliado nos últimos anos, mas permanece fortemente concentrada em experiências de mães estudantes de graduação e pós-graduação, com ênfase em permanência, redes de apoio, assistência estudantil e desafios de conciliação entre maternidade e formação acadêmica (Botti & Figueiredo, 2024). Revisões recentes

indicam, inclusive, que uma parte expressiva da literatura nacional sobre mulheres-mães na universidade se dedica a mapear barreiras de acesso e permanência, bem como a sistematizar os principais desafios enfrentados por universitárias-mães, o que evidencia a importância do tema, mas também a concentração do debate em trajetórias estudantis e em discussões mais amplas sobre maternidade na vida universitária (Botti & Figueiredo, 2024).

Quando o foco recai sobre o ensino superior como espaço de trabalho, os estudos disponíveis tendem a enfatizar precarização, sobrecarga e dificuldades de conciliação em contextos específicos, como o período pandêmico, ou a abordar de forma mais geral a relação entre docência e maternidade, sem necessariamente desenvolver uma análise qualitativa aprofundada da experiência subjetiva de docentes mães já inseridas na carreira universitária, atravessadas simultaneamente por ensino, pesquisa, gestão e cuidado (Gemelli & Closs, 2023; Viegas, 2022). Há, portanto, uma lacuna mais específica na literatura nacional: ainda são relativamente escassos estudos qualitativos centrados em docentes mães do ensino superior que articulem, em um mesmo desenho analítico, as condições institucionais do trabalho acadêmico, a experiência subjetiva de culpa e insuficiência, as estratégias privadas de sobrevivência e os efeitos sobre a carreira e a saúde mental.

Ademais, a compreensão da saúde mental de docentes mães requer uma abordagem que articule a organização do trabalho acadêmico às desigualdades de gênero que estruturam as universidades contemporâneas. Sob a perspectiva das organizações generificadas, as instituições de ensino superior não são neutras, mas reproduzem normas, práticas e critérios de reconhecimento construídos a partir de um modelo masculino de trabalhador, caracterizado pela disponibilidade contínua, dedicação integral à carreira e ausência de responsabilidades de cuidado (Acker, 1990). Essa lógica se expressa na norma do trabalhador ideal (*ideal worker norm*), segundo a qual produtividade, competitividade e desempenho são avaliados como se todos os trabalhadores dispusessem das mesmas condições para atender às demandas institucionais (Montañez & Livingston, 2024). Para docentes mães, entretanto, essa expectativa entra em conflito com os imperativos sociais da maternidade, que atribuem às mulheres a responsabilidade primária pelo cuidado e pela disponibilidade emocional aos filhos (Hays, 1996). A coexistência dessas exigências incompatíveis configura um *double bind*, no qual qualquer escolha implica perdas simbólicas, profissionais ou pessoais. Nessa perspectiva, o adoecimento deixa de ser compreendido como resultado exclusivo da sobrecarga individual e passa a ser interpretado como efeito de uma organização do trabalho que invisibiliza o cuidado, transfere sua gestão para a esfera privada e mantém inalteradas as métricas de produtividade e sucesso acadêmico.

É justamente nesse ponto que este estudo se situa, ao mobilizar os conceitos de organizações generificadas, norma do trabalhador ideal, *academic motherhood* e *double bind* de gênero como base teórico-conceitual. Diante desse quadro, este estudo teve como objetivo compreender como a organização do trabalho acadêmico produz e sustenta o *double bind* vivenciado por docentes mães no ensino superior brasileiro e suas repercussões para a saúde mental, a experiência do cuidado e as trajetórias profissionais.

Método

Esta seção detalha o percurso metodológico conduzido em estrita conformidade com as diretrizes do *Journal Article Reporting Standards for Qualitative Research* (JARS-Qual) (Levitt et al., 2018).

Delineamento

Trata-se de pesquisa qualitativa e exploratória, orientada pelas premissas da saúde do trabalhador e dos estudos de gênero (Dejours, 2012; Hirata & Kergoat, 2007). A abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de investigar em profundidade as interfaces entre organização do trabalho acadêmico, maternidade e saúde mental, apreendendo como as docentes manejam subjetivamente o *double bind* no cotidiano universitário. No plano epistemológico, combinou-se o movimento indutivo de emergência das categorias ao raciocínio abduutivo, empregando o duplo vínculo institucional de gênero como chave interpretativa para explicar a prevalência de culpa e autoexigência nas narrativas (Eagly & Karau, 2002; Ward & Wolf-Wendel, 2016a, 2016b).

Participantes

A partir de uma pesquisa macro com 43 docentes, constituiu-se um subconjunto analítico de 28 docentes mães. Os critérios de inclusão foram: (a) exercício ativo da docência no ensino superior público ou privado; (b) maternidade ou cuidado parental formal; e (c) anuência livre e esclarecida. Docentes em funções exclusivamente administrativas foram excluídas. A seleção buscou heterogeneidade regional, institucional e familiar para captar diferentes vivências do *double bind*.

As participantes tinham entre 26 e 59 anos. Devido à coleta por faixas etárias, estimou-se a idade média em 44,6 anos (mín.-máx.: 26-59) baseada nos pontos médios ponderados, o que inviabiliza o cálculo do desvio-padrão bruto. Registrou-se maior concentração nas faixas de 36 a 45

anos ($n = 13$; 46,4%) e 46 a 59 anos ($n = 12$; 42,9%). A maioria atuava no Nordeste (53,6%) e Sudeste (32,1%), com predominância na rede pública ($n = 19$; 67,9%) frente à privada ($n = 9$; 32,1%), sob regime de até 40 horas semanais (57,1%). Quanto à maternidade, 46,4% tinham filhos de 0 a 5 anos, 42,9% de 6 a 12 anos, 25% com 13 anos ou mais, e 17,9% cuidavam de outros familiares. O perfil de carreira revelou consolidação: 64,3% possuíam experiência em gestão universitária e 50% atuavam na pós-graduação *stricto sensu*.

Instrumentos

Utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado composto por questões sociodemográficas e blocos abertos sobre rotina de trabalho, saúde mental e bem-estar, estratégias de cuidado e redes de apoio, bem como iniciativas institucionais relacionadas à maternidade e ao cuidado, incluindo perguntas específicas sobre filhos, outras responsabilidades de cuidado e experiência em cargos de gestão. O roteiro foi elaborado a partir de revisão da literatura sobre trabalho docente, gênero e maternidade acadêmica, e submetido à avaliação de juízas especialistas em metodologia qualitativa e nas temáticas de gênero e trabalho, que analisaram a pertinência, a clareza e a abrangência de cada bloco de questões antes da validação final pelo protocolo Vali-Quali.

O roteiro foi previamente validado pelo protocolo Vali-Quali, que orienta procedimentos de validação de instrumentos qualitativos com base em avaliação de conteúdo e semântica, pré-teste e ajustes sucessivos (Torlig et al., 2022). Esse processo assegurou coerência entre objetivos e questões e sensibilidade para captar especificidades da experiência de docentes mães.

A fim de tornar explícita a relação entre os blocos temáticos do roteiro, os objetivos do estudo e a base teórica que orientou sua construção, a Tabela 1 sintetiza essa articulação.

Tabela 1

Relação entre blocos temáticos do roteiro de entrevista, objetivos do estudo e base teórica

Bloco temático	Exemplo de questão	Relação com o objetivo do estudo	Base teórica
Rotina de trabalho acadêmico	Como você descreveria sua rotina de trabalho na universidade?	Caracterizar exigências de produtividade e disponibilidade	Norma do trabalhador ideal (Acker, 1990; Montañez & Livingston, 2024)
Saúde mental e bem-estar	Como você avalia sua saúde mental desde que se tornou mãe e docente?	Identificar efeitos do double bind sobre o adoecimento	Psicodinâmica do trabalho e privatização do sofrimento (Dejours, 2012)
Maternidade e cuidado	Como você concilia as demandas da maternidade com as exigências da carreira acadêmica?	Investigar a tensão entre produtividade e cuidado	Academic motherhood e maternidade intensiva — Ward & Wolf-Wendel, 2016a; Hays, 1996)
Redes de apoio	Com quem você pode contar para cuidar dos seus filhos quando precisa trabalhar?	Mapear estratégias privadas de sobrevivência	Estratégias privadas e obfuscação do cuidado (Hirata & Kergoat, 2007)
Iniciativas institucionais	A universidade oferece algum tipo de apoio institucional relacionado à maternidade?	Avaliar o reconhecimento institucional do cuidado	Cuidado invisibilizado e organizações generificadas (Acker, 1990)
Cargos de gestão e trajetória	Você já ocupou ou recusou cargos de gestão? Por quê?	Examinar renúncias e desaceleração da carreira	Leaky pipeline / efeito tesoura na carreira acadêmica (Liu et al., 2019)

Nota. Elaborado pelas autoras a partir do roteiro de entrevista utilizado no estudo.

Procedimentos de coleta de dados e cuidados éticos

As participantes foram recrutadas por conveniência e cadeia de indicações (*snowball*), a partir de convites distribuídos em redes acadêmicas, grupos de pesquisa e associações científicas, priorizando docentes do ensino superior público e privado que se identificassem como mães. As entrevistas individuais foram realizadas em formato híbrido (presencial ou remoto), com predominância da modalidade virtual (*Google Meet*). Essa escolha metodológica justificou-se pela necessidade de atenuar deslocamentos e evitar o acréscimo de sobrecarga à rotina das docentes, assegurando um contexto de escuta sensível, cuidadoso e flexível sobre as interfaces entre trabalho, maternidade e saúde mental.

O estudo observou rigorosamente as diretrizes éticas para pesquisas com seres humanos previstas na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012), bem como as recomendações éticas da *American Psychological Association* (APA), do *Committee on Publication*

Ethics (COPE) e do Fórum de Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes (FCHSSALLA), a cujos princípios a rPOT adere. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Divinópolis), sob o Parecer nº 7.166.047 e CAAE 83733924.0.0000.5115. A coleta de dados iniciou-se somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) por todas as participantes.

Para resguardar o anonimato e a confidencialidade, os nomes das docentes e das instituições foram substituídos por pseudônimos e códigos alfanuméricos, mantendo-se os arquivos de áudio e as transcrições sob guarda segura e acesso restrito da equipe de pesquisa. No corpo do manuscrito, as falas são identificadas por siglas que articulam a função (DOC para docente, GEST para gestora), o perfil de maternidade (M1 para mãe de um filho, M2 para dois filhos) e um controle sequencial (ex.: DOC-M1-01), mitigando o risco de rastreabilidade individual. Durante as entrevistas, as pesquisadoras adotaram postura de escuta acolhedora e mantiveram disponibilidade para orientação e encaminhamento a serviços de suporte psicológico caso ocorresse mobilização emocional decorrente dos relatos.

Adicionalmente, apresenta-se um esclarecimento sobre a variável idade das participantes. Como esse dado foi originalmente coletado por meio de faixas etárias amplas (até 25; 26 a 35; 36 a 45; 46 a 59 anos), inviabilizou-se o cálculo algébrico direto de um desvio-padrão bruto sobre valores contínuos. Para fins de transparência metodológica e caracterização amostral, reporta-se uma idade média estimada de aproximadamente 44,6 anos (variando de 26 a 59 anos). Essa estimativa aproximada foi obtida a partir da média ponderada dos pontos médios das faixas etárias declaradas (30,5 anos para a faixa de 26-35; 40,5 para 36-45; e 52,5 para 46-59), ponderados pela distribuição real das 28 participantes (3, 13 e 12 docentes, respectivamente), devendo ser interpretada sob essa ressalva

Procedimentos de análise de dados

O corpus deste estudo foi constituído pelas transcrições integrais das 28 entrevistas com docentes mães, selecionadas a partir do questionário sociodemográfico do projeto macro (composto originalmente por 43 entrevistas). O material empírico foi gerenciado com suporte do software *requalify.ai* (Martins et al., 2024). Cumpre esclarecer, atendendo às demandas de transparência, que o software foi utilizado exclusivamente como ferramenta de apoio operacional para armazenamento seguro, organização, anonimização e exportação de trechos selecionados para planilhas. Não houve qualquer uso de automatização de códigos ou geração algorítmica de categorias; a construção de todo o *codebook* resultou estritamente do processo manual de leitura, codificação e discussão interpretativa conduzido pelas pesquisadoras.

Após a anonimização das transcrições, o material foi submetido à Análise de Conteúdo, modalidade temática (Bardin, 2011). Na etapa de pré-análise, duas pesquisadoras realizaram, de forma independente, a leitura flutuante das 28 transcrições para identificar trechos que revelassem tensões entre trabalho acadêmico, maternidade e saúde mental, operando uma codificação aberta. Desse processo indutivo emergiram listas de códigos descritivos preliminares, tais como “produtividade inalterada pós-filhos”, “ausência de políticas de suporte”, “culpa por não estar com os filhos” e “adoecimento e medicalização”.

A partir do cruzamento dessas listas, as pesquisadoras construíram, por consenso, um *codebook* definitivo que agrupou os códigos preliminares por proximidade semântica e afinidade teórica. Assim, os códigos sobre a manutenção das cobranças produtivas foram integrados à *norma do trabalhador ideal*; a ausência de políticas cotidianas de suporte, ao *cuidado invisibilizado*; as vivências de culpa contínua, à *culpa bidirecional*; as táticas individuais de improvisação, às *estratégias privadas de sobrevivência*; as recusas e pausas na progressão, às *renúncias na carreira*; e os sintomas físicos, esgotamento e medicalização, ao *adoecimento físico-mental*. Esse processo estruturou seis categorias organizadas em três eixos analíticos, teoricamente ancoradas na literatura sobre organizações generificadas e maternidade acadêmica (Acker, 1990; Ward & Wolf-Wendel, 2016a) e refinadas de modo indutivo-abduutivo a partir do corpus.

A codificação definitiva foi realizada de forma independente pelas duas pesquisadoras com base no *codebook* consolidado. Os resultados foram cruzados em planilhas analíticas e as divergências foram debatidas até a obtenção de consenso interpretativo, retornando-se ao contexto da entrevista original sempre que necessário para assegurar a fidedignidade da análise. Como recurso descritivo auxiliar (JARS-Qual), computaram-se as frequências absolutas e relativas das unidades de registro em cada eixo e categoria, sem qualquer pretensão inferencial, mas para evidenciar a densidade e a saliência dos núcleos temáticos identificados. Destaca-se que as frequências se referem ao número de trechos codificados, e não ao número de participantes, podendo uma mesma docente contribuir com mais de uma unidade de registro em uma mesma categoria. Assim, os percentuais expressam a distribuição dos trechos no corpus analítico e não a prevalência das categorias entre as participantes.

A análise de conteúdo foi estratificada de acordo com a faixa etária dos filhos das docentes (0–5 anos; 6–12 anos; 13 anos ou mais), viabilizando o mapeamento de variações na vivência do *double bind* e das estratégias privadas de enfrentamento ao longo do ciclo de vida familiar. O critério

de saturação temática foi definido pela redundância informativa: a coleta foi encerrada quando as entrevistas deixaram de suscitar códigos substantivos inéditos, limitando-se a reiterar os núcleos de sentido já consolidados (especialmente a invisibilidade institucional e a privatização do sofrimento). Essa saturação foi avaliada com base no corpus de 28 entrevistas em sua totalidade, dadas a natureza qualitativa e a finalidade exploratória da pesquisa, muito embora as particularidades contextuais de docentes que atuavam em instituições públicas e privadas tenham sido integradas e contrapostas na interpretação qualitativa dos eixos analíticos.

Resultados

A análise qualitativa tomou como unidade os trechos empíricos das transcrições. De 160 trechos inicialmente mapeados, 126 foram considerados válidos e codificados, enquanto 34 foram excluídos por corresponderem a interações sem resposta substantiva, falas de docentes sem filhos ou conteúdos sem relação direta com a interface maternidade-trabalho-saúde. A matriz final organiza os achados em três eixos: *condições institucionais*, *experiência subjetiva* e *efeitos na carreira e na saúde*. A Tabela 2 apresenta a distribuição das unidades de registro por categoria em frequências absolutas e relativas.

Tabela 2

Distribuição das unidades de registro por eixo, categoria e frequência

Eixo	Categoria	Frequência absoluta	Frequência relativa
Condições institucionais	Norma do trabalhador ideal e produtividade inflexível	22	17,5%
Condições institucionais	Cuidado invisibilizado e ausência de acomodação institucional	31	24,6%
Experiência subjetiva	Culpa bidirecional e impossibilidade de suficiência	11	8,7%
Experiência subjetiva	Estratégias privadas de sobrevivência e ofuscação do cuidado	13	10,3%
Efeitos na carreira e na saúde	Renúncias, adiamentos e desaceleração da carreira	18	14,3%
Efeitos na carreira e na saúde	Adoecimento físico-mental e privatização do sofrimento	31	24,6%
Total	Trechos válidos codificados	126	100%

A distribuição das frequências sugere que o sofrimento relatado não se explica apenas por acúmulo quantitativo de tarefas, mas pela combinação entre exigências de produtividade e ausência de acomodação institucional do cuidado. As categorias mais prevalentes foram: Cuidado invisibilizado e ausência de acomodação institucional e Adoecimento físico-mental e privatização do sofrimento, ambas com 31 trechos. Esses dois núcleos representam, individualmente, 24,6% do corpus e, de forma conjunta, quase metade de todas as ocorrências de sofrimento mapeadas (49,2%), indicando uma associação estreita entre a falta de suporte organizacional e os desfechos de adoecimento. As categorias se ancoram em três principais eixos analíticos conforme distribuídos na Tabela 3.

Tabela 3

Síntese dos eixos analíticos, categorias e núcleos de achado

Eixo analítico	Categoria	Núcleo do achado
Condições institucionais <i>double bind</i>	do Norma do trabalhador ideal e produtividade inflexível	O desempenho é avaliado como se todas fossem trabalhadoras sempre disponíveis, sem interrupções por cuidado, mantendo a mesma produtividade antes e depois da maternidade.
Condições institucionais <i>double bind</i>	do Cuidado invisibilizado e ausência de acomodação institucional	Maternidade e outras responsabilidades de cuidado quase não aparecem em políticas e práticas; o conflito entre tempo de cuidado e exigências acadêmicas é tratado como problema individual.

Eixo analítico	Categoria	Núcleo do achado
Experiência subjetiva do <i>double bind</i>	Culpa bidirecional e impossibilidade de suficiência	Docentes relatam sentir culpa qualquer que seja a escolha – trabalhar mais, ficar com os filhos ou cuidar de si –, sem encontrar um caminho que produza sensação de suficiência.
Experiência subjetiva do <i>double bind</i>	Estratégias privadas de sobrevivência e ofuscação do cuidado	Para seguir na carreira, as docentes acionam redes informais, “se viram” e, muitas vezes, escondem ou minimizam o cuidado, mantendo o conflito fora da agenda institucional.
Efeitos do <i>double bind</i> na carreira e na saúde	Renúncias, adiamentos e desaceleração da carreira	Há adiamento de doutorado, recusa de cargos e menor mobilidade; as trajetórias permanecem na universidade, mas com lacunas e desaceleração explicadas pelo peso do cuidado.
Efeitos do <i>double bind</i> na carreira e na saúde	Adoecimento físico-mental e privatização do sofrimento	Surgem quadros de depressão, burnout e sintomas físicos, manejados com medicação e estratégias individuais, enquanto a organização do trabalho permanece praticamente inalterada.

A síntese apresentada na tabela 3 mostra que as experiências relatadas pelas docentes mães articulam, de forma recorrente, dimensões institucionais, subjetivas e de trajetória profissional.

Eixo 1: Condições institucionais do double bind

Norma do trabalhador ideal e produtividade inflexível. A categoria Norma do trabalhador ideal e produtividade inflexível reuniu 22 trechos válidos (17,5% do corpus analítico total e 41,5% das ocorrências registradas no eixo das condições institucionais – Tabela 3). As falas evidenciam uma instituição que avalia o desempenho com base na figura de um trabalhador continuamente disponível, despido de interrupções biográficas ou demandas de cuidado. “O que pesa na Universidade, no sentido da maternidade, principalmente, eu acho que é essa produção. Você tem que produzir. Independente de ter bebê ou não.” (DOC-M1-07, Pública). Esse relato sintetiza a lógica produtivista inflexível que trata o cuidado infantil como variável privada irrelevante na organização do trabalho.

“Na minha última avaliação, já sinalizaram que eu estava com baixa produtividade. [...] Eu fiquei um ano afastada, porque juntou seis meses de licença maternidade, licença-prêmio, férias, quando eu perdi um ano, assim, em termos de produtividade. Como que eu vou justificar isso? Nos instrumentos não tem nada.” (DOC-M2-35, Pública). Nesse cenário, a materialidade institucional manifesta-se em instrumentos de avaliação que ignoram a licença-maternidade como justificativa legítima para flutuações de produtividade. O afastamento previsto legalmente converte-se em um déficit curricular individualizado, obrigando a docente a justificar o tempo de cuidado. Essa manutenção de cobranças sem flexibilização temporal ilustra empiricamente a norma do trabalhador ideal (Acker, 1990; Montañez & Livingston, 2024), na qual o desempenho é medido a partir de um padrão de dedicação ininterrupta incompatível com as demandas do cuidado.

Cuidado invisibilizado e ausência de acomodação institucional. A categoria Cuidado invisibilizado e ausência de acomodação institucional foi uma das mais frequentes do corpus, com 31 trechos válidos (24,6% do corpus analítico total e 58,5% das ocorrências do eixo das condições institucionais). As participantes descrevem a maternidade como aspecto pouco reconhecido pelas instituições, seja em políticas, seja em práticas cotidianas. “Como a instituição lida com a maternidade das docentes pesquisadoras? Existe um apoio institucional para que essas mulheres, que exercem a maternidade, desenvolvam a carreira? Não.” (DOC-M2-13, Pública)

A resposta direta sugere ausência de mediações institucionais entre maternidade e carreira, para além de direitos mínimos previstos em lei, de modo que o conflito entre cuidado e exigências acadêmicas tende a ser tratado como problema individual da docente.

“Não, não existe essa rede de apoio. [...] A rede de apoio é só no intervalo nas salas dos professores, cada um chorando suas mazelas e depois voltando para dar aula.” (DOC-M2-13, Pública). A imagem de “chorar as mazelas” no intervalo e retornar às aulas aponta para um reconhecimento informal entre pares que não se traduz em suporte institucional: o sofrimento é compartilhado, mas a responsabilidade por recompor a performance permanece individual. A frequência dessa categoria indica que a invisibilidade do cuidado é constitutiva da forma como o trabalho acadêmico é organizado.

Eixo 2: Experiência subjetiva do double bind

Culpa bidirecional e impossibilidade de suficiência. A categoria Culpa bidirecional e impossibilidade de suficiência reuniu 11 trechos válidos (8,7% do corpus analítico total e 45,8% das ocorrências do eixo – Tabela 3). As falas revelam que a culpa opera como vivência persistente e

estruturante, vinculada tanto ao trabalho quanto ao cuidado, em um cenário no qual qualquer escolha cotidiana é acompanhada pela sensação de falha moral.

"A minha filha nasceu, junto com ela veio um pacotinho de culpa. Porque eu me sinto culpada por trabalhar muito, aí eu me sinto culpada por ficar com ela e não estar trabalhando, aí eu me sinto culpada por cuidar de mim ou me sinto culpada por não cuidar de mim. [...] não tem caminho que você vai se sentir plena e bem, sabe? E aí, se eu me dedico um pouco mais aqui à universidade, eu vou ficar mal por não ficar com ela. E aí, o contrário é verdadeiro, assim." (DOC-M1-29, Pública)

O relato ilustra a fragmentação decorrente da multiplicação dos focos de culpa (trabalho, filha, autocuidado), revelando um impasse subjetivo que extrapola a dimensão da mera gestão do tempo. "Quando as atividades acadêmicas acontecem, ao sábado, por exemplo, ou à noite, que é um horário que eu estou com a minha filha, [...] pra mim nunca é simples sair, ter que ir e deixar de estar com ela no momento onde ela espera que eu estivesse com ela e eu também espero estar com ela." (DOC-M1-19, Privada)

A temporalidade acadêmica invade os horários socialmente reservados ao convívio familiar, gerando um conflito de agenda que posiciona a culpa como o eixo de subjetivação do *double bind*. Ao buscarem atender simultaneamente aos imperativos contraditórios da "maternidade intensiva" (Hays 1996) — que prescreve dedicação e presença integrais ao filho — e às metas produtivistas da carreira, as docentes internalizam esse conflito estrutural sob a forma de insuficiência pessoal. Esse processo de autoacusação, recorrente mesmo entre mulheres altamente críticas, reflete a privatização do sofrimento (Dejours, 2012): em vez de canalizarem a indignação contra a rigidez da organização do trabalho, as docentes absorvem o impasse como um fracasso de sua própria capacidade individual de conciliação.

Estratégias privadas de sobrevivência e ofuscação do cuidado. A categoria Estratégias privadas de sobrevivência e ofuscação do cuidado reuniu 13 trechos válidos (10,3% do corpus analítico total e 54,2% das ocorrências do eixo da experiência subjetiva, conforme Tabela 3). Nela, as participantes descrevem táticas eminentemente individuais para compatibilizar a carreira acadêmica e o cuidado, como acionar redes informais, recorrer a favores familiares, reorganizar horários e ocultar a maternidade no ambiente universitário.

"Houve uma época que na [minha universidade] estava tendo rodas de conversa de mães da pós-graduação [...] porque às vezes sente até vergonha em conversar, porque criou-se aquele padrão que, de certa forma, você precisa atender àquela questão da produtividade, e tem muitas amigas que têm até vergonha no ambiente de pós-graduação de dizer que têm filhos, para não ter medo de ser mal vista, né? Como aquela pesquisadora que você não vai poder contar porque tem criança." (DOC-M2-13, Pública)

Esse relato expõe como a maternidade é percebida como uma "informação desqualificadora" no espaço universitário, em que o medo de ser classificada como uma pesquisadora não confiável revela barreiras invisíveis que associam o cuidado à menor confiabilidade profissional.

"Eu tenho que me virar para poder, tipo, descobrir uma fórmula mágica de pedir para outras pessoas para poder buscar meu filho na escola até que o ponto seja justo. Porque, na verdade, não é. Meu trabalho [não me permite]." (DOC-M1-20, Privada)

A busca por uma "fórmula mágica" traduz a necessidade de improvisar soluções privadas para contornar problemas de horários que são estruturais. Essas táticas sustentam a permanência das mulheres na carreira, mas operam o que a literatura define como ofuscação do cuidado (*care obfuscation*) (Etheridge, 2025). Ao ocultarem as demandas maternas e privatizarem os custos temporais do trabalho reprodutivo (Hirata & Kergoat, 2007), as docentes evitam o transbordamento do conflito para a esfera institucional. No entanto, essa ocultação individual protege a profissional a curto prazo ao custo de normalizar e perpetuar estruturas acadêmicas profundamente omissas e hostis à parentalidade (Pecis & Touboullic, 2024).

Eixo 3: Efeitos do double bind na carreira e na saúde

A categoria Renúncias, adiamentos e desaceleração da carreira reuniu 18 trechos válidos (14,3% do corpus analítico global e 36,7% das ocorrências do eixo, conforme a Tabela 3). Os relatos descrevem perdas e postergações objetivas nas trajetórias acadêmicas (como doutorado adiado, cargos recusados, candidaturas barradas e redução de mobilidade), motivados pela dificuldade estrutural de compatibilizar a progressão científica e as responsabilidades de cuidado.

"Eu me candidatei à coordenadora do curso, eles não deixaram nem eu me candidatar, porque eu estava grávida na época. 'Você vai cuidar da sua filha, não sei o quê.' Eu fui convidada a ser vice-editora, chefe de uma revista da psicologia bem importante. Tive que recusar também. Então, assim, muitas, muitas." (DOC-M1-29, Privada)

"Quando eu fui fazer a seleção de doutorado, eu engravidei. [...] cheguei a fazer ali no início da gestação, não passei e tudo, e agora que [meu filho] tem 4 anos eu estou querendo retomar isso, esse projeto, e me doeu muito ter que deixar isso de lado, porque eu vi que naquele momento ali eu não ia conseguir." (DOC-M1-17, Pública)

Em conjunto, os relatos sugerem que o *double bind* incide sobre momentos críticos de consolidação profissional — ingresso na pós-graduação, assunção de cargos de gestão ou convites

para editorias —, gerando adiamentos e recusas que se acumulam como lacunas curriculares de difícil justificativa. Esse padrão de desaceleração sistêmica ilustra os conceitos de "efeito tesoura" e "*leaky pipeline*" (cano com vazamento) de mulheres na ciência (Cech & Blair-Loy, 2019; Liu et al., 2019). Ademais, o impedimento informal a cargos de liderança sob justificativas paternalistas ("você vai cuidar da sua filha") evidencia as barreiras do "teto de vidro" (*glass ceiling*) na academia, que confina as docentes a papéis operacionais e restringe seu acesso a esferas de representação política e poder decisório nas universidades (Morley, 2013).

Adoecimento físico-mental e privatização do sofrimento. Esta categoria concentrou 31 trechos válidos, representando 24,6% do corpus total e 63,3% das ocorrências do eixo de impactos na saúde e carreira. A equivalência em frequência com a categoria *Cuidado invisibilizado* evidencia a estreita relação entre a ausência de suporte organizacional e o colapso psicofísico das docentes, expresso em relatos de depressão, *burnout*, crises hipertensivas, insônia crônica e esgotamento extremo.

"Super. Super. Quase morri, eu acho. Quando eu tinha o meu menor, mais novinho, ele foi uma criança que passou praticamente dois anos sem dormir mais do que 45 minutos. Eu fiquei muito mal. [...] Eu fiquei depressiva. Eu entrei num estado de depressão profundo. Foi terrível, assim. Terrível, porque eu era coordenadora de curso, eu tinha uma criança que eu não sabia o que ela tinha, tentava descobrir." (GEST-M2-33, Pública)

"Eu senti a pressão alta, e aí os sintomas de estresse que eu conheço muito bem, porque [...] eu já tive *burnout*. Então, eu tinha 36 horas de sala de aula por semana na privada. [...] A hora que eu vi que a pressão tava alta, que eu tava com taquicardia, eu fico [assustada]." (DOC-M1-29, Privada)

Os depoimentos revelam como as pressões estruturais do ensino superior brasileiro — analisadas por Bosi (2007) e Borsoi (2012) — assumem contornos de adoecimento que variam conforme o vínculo institucional. Na instituição pública, a sobrecarga amarra-se ao acúmulo de cargos de gestão acadêmica concomitante à exigência de produtividade científica. Na privada, materializa-se na precarização expressa pelo regime extremo de horas-aula semanais.

Diante desse estrangulamento de tempos, o sofrimento passa por um processo de privatização do sofrimento (Dejours, 2012; Hoffmann et al., 2017). Em vez de as universidades questionarem suas métricas androcêntricas ou a rigidez da organização do trabalho, o mal-estar é individualizado e gerido de forma solitária pelas docentes por meio de psicofármacos, licenças episódicas e autogestão do colapso, eximindo a engrenagem institucional de sua responsabilidade patogênica.

Discussão

Este estudo teve como objetivo compreender como a organização do trabalho acadêmico produz e sustenta o *double bind* vivenciado por docentes mães no ensino superior brasileiro e suas repercussões para a saúde mental, a experiência do cuidado e as trajetórias profissionais. Os achados apresentados permitem afirmar que esse objetivo foi alcançado: as evidências qualitativas mostram, de forma consistente, como a manutenção da norma do trabalhador ideal e a invisibilização institucional do cuidado contribuem para a produção de culpa, estratégias privadas de sobrevivência, renúncias na carreira e adoecimento físico-mental entre as docentes mães entrevistadas.

Os resultados indicam que o *double bind* da maternidade na carreira acadêmica opera em cadeia, conectando dimensões institucionais, subjetivas e biográficas do sofrimento. No primeiro eixo, a combinação entre norma do trabalhador ideal e invisibilidade do cuidado mostra que a universidade mantém expectativas de produtividade contínua e disponibilidade ampliada sem integrar o tempo de cuidado em instrumentos de avaliação, políticas de tempo e práticas de suporte, em consonância com análises sobre organizações generificadas e modelos androcêntricos de trabalhador (Acker, 1990; Britton, 2000). No segundo, essa incompatibilidade é vivida como culpa bidirecional e necessidade de acionar estratégias privadas para "dar conta", frequentemente por meio da ofuscação do cuidado no ambiente acadêmico, o que dialoga com estudos sobre maternidade intensiva e *academic motherhood* (Cech & Blair-Loy, 2019; Ward & Wolf-Wendel, 2016a). No terceiro, esses arranjos se expressam em renúncias, adiamentos e desaceleração da carreira, bem como em quadros de adoecimento físico-mental tratados como problemas individuais a serem medicados, administrados ou superados pela própria docente, em linha com análises da psicodinâmica do trabalho docente e da privatização do sofrimento (Dejours, 2012; Hoffmann et al., 2017).

A articulação entre esses eixos sugere que o sofrimento das docentes mães não se explica apenas por excesso de tarefas ou por dificuldades de "conciliação" entre esferas. Os achados apontam para uma configuração organizacional que preserva métricas e expectativas de produtividade desenhadas para trajetórias sem responsabilidades cotidianas de cuidado — isto é, alinhadas à figura do trabalhador ideal —, ao mesmo tempo em que convoca essas mulheres a performar em uma maternidade intensiva, moralmente exigente e pouco conciliável com interrupções de carreira (Acker, 1990; Cech & Blair-Loy, 2019; Ward & Wolf-Wendel, 2016a, 2016b). Nessa configuração, o cuidado permanece fora do campo legítimo de negociação no trabalho acadêmico, e seu impacto é absorvido na esfera privada das docentes, de suas famílias e redes

informais de apoio, como sugerem estudos sobre carga reprodutiva e desigualdades de gênero no trabalho acadêmico (Hirata & Kergoat, 2007; Souza et al., 2021).

Cabe ainda destacar que, no contexto brasileiro, o *double bind* aqui descrito assume contornos distintos conforme o tipo de vínculo institucional. Enquanto as instituições públicas tendem a submeter as docentes a sistemas de avaliação de produtividade e progressão na carreira relativamente rígidos, ainda que mais recentemente sensíveis a mecanismos como a consideração da licença-maternidade pelo CNPq e pela CAPES, as instituições privadas frequentemente impõem maior carga didática e menor estabilidade contratual, associadas a diferentes formas de precarização e racionalização administrativa (Bosi, 2007; Borsoi, 2012). Entre as 28 docentes mães entrevistadas, 19 atuavam em instituições públicas e 9 em instituições privadas, o que permitiu observar, na leitura qualitativa dos eixos, que a inflexibilidade da norma do trabalhador ideal se expressa tanto na cobrança continuada de produtividade científica quanto na sobrecarga de carga didática e na maior insegurança quanto à permanência no cargo (mais evidente entre docentes de instituições privadas), configurando *double binds* institucionalmente situados, ainda que estruturalmente análogos.

A ofuscação do cuidado, evidenciada em estratégias que envolvem esconder a maternidade, silenciar o cansaço ou resolver em redes privadas problemas produzidos pelo desenho institucional do tempo, pode ser lida como mecanismo de manutenção do *status quo*. Ao ocultar o quanto o cuidado exige rearranjos cotidianos, essas estratégias favorecem a preservação da ficção de que todas as trajetórias docentes se medem pela mesma régua de produtividade, independentemente de responsabilidades reprodutivas, o que ecoa análises críticas sobre a persistência de normas meritocráticas aparentemente neutras em contextos generificados (Acker, 1990; Cech & Blair-Loy, 2019). Essa dinâmica aproxima-se do que a literatura tem descrito como formas de “equidade performativa”: a instituição adota discursos de igualdade, diversidade e inclusão, mas mantém dispositivos de avaliação, ritmos e expectativas historicamente ancorados em um modelo androcêntrico de trabalhador, produzindo ganhos simbólicos de imagem sem alterar substantivamente o regime de produtividade (Britton, 2000; Cech & Blair-Loy, 2019).

As evidências apresentadas neste estudo indicam que o sofrimento de docentes mães no ensino superior não pode ser reduzido à soma de múltiplas tarefas, mas deve ser compreendido como efeito de um *double bind* institucional de gênero. A combinação entre norma do trabalhador ideal, invisibilização do cuidado, culpa bidirecional, estratégias privadas de sobrevivência, renúncias de carreira e adoecimento físico-mental descreve um arranjo no qual o tempo do cuidado permanece fora dos parâmetros legítimos de organização do trabalho acadêmico, ao mesmo tempo em que segue sendo moralmente exigido na esfera privada.

Limitações e sugestões para pesquisas futuras

Este estudo apresenta algumas limitações que precisam ser consideradas na interpretação dos achados. Em primeiro lugar, trata-se de uma amostra qualitativa, composta por docentes que aceitaram participar de entrevistas em profundidade, o que pode ter privilegiado mulheres mais engajadas com o tema ou com maior disponibilidade subjetiva para narrar experiências de sofrimento e cuidado. Uma limitação adicional refere-se à avaliação da saturação temática, realizada para o conjunto da amostra e não separadamente por subgrupos (por exemplo, por tipo de instituição), o que pode ter mascarado eventuais especificidades da experiência de docentes de instituições públicas e privadas. Além disso, a amostra apresentou desproporção entre esses dois grupos institucionais (19 públicas e 9 privadas), o que limita comparações mais robustas entre esses contextos e deve ser considerado na interpretação dos achados relativos a especificidades institucionais brasileiras.

Pesquisas futuras podem explorar de forma comparativa as experiências de docentes mães e pais, bem como de pessoas sem filhos, interrogando como a norma do trabalhador ideal e o *double bind* de gênero operam em diferentes arranjos familiares. Também seria relevante articular estudos qualitativos em profundidade com desenhos longitudinais e dados institucionais de progressão na carreira, de modo a examinar, em perspectiva temporal, como renúncias, adiamentos e adoecimento se acumulam nas trajetórias. Por fim, investigações que combinem análise organizacional, etnografias institucionais e intervenções avaliativas podem ajudar a compreender quais dispositivos de política e gestão têm maior potencial para romper com a privatização do cuidado e do sofrimento.

Contribuições teóricas e metodológicas

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui ao articular o conceito de organizações generificadas (Acker, 1990) à literatura sobre *academic motherhood* e à noção de *double bind* de gênero, mostrando como essas chaves ajudam a explicar o paradoxo empírico de mulheres altamente críticas e politizadas que, diante de condições objetivamente adversas, relatam predominantemente culpa e autoacusação, mais do que indignação ou mobilização coletiva. Ao deslocar a interpretação de culpa e autoexigência do plano da “fragilidade individual” para o plano de efeitos subjetivos de um arranjo institucional paradoxal, o estudo reforça a importância de análises que conectem organização do trabalho, gênero e saúde mental na docência universitária.

Metodologicamente, a combinação entre entrevistas em profundidade, roteiro validado pelo Vali-Quali e análise de conteúdo com codebook construído em dupla, complementada pelo uso

descritivo das frequências para indicar a densidade e a saliência das categorias, evidencia a potência de desenhos qualitativos que incorporam critérios explícitos de rigor e transparência (Bardin, 2011; Levitt et al., 2018). O recorte específico de docentes mães imersas em instituições públicas e privadas, e o foco na experiência subjetiva do *double bind* permitem avançar para além de descrições gerais de sobrecarga, iluminando mecanismos pelos quais o cuidado é privatizado e o sofrimento é individualizado no cotidiano acadêmico.

Do ponto de vista da reflexividade, a equipe é composta majoritariamente por mulheres com trajetória na docência do ensino superior e experiência em estudos de gênero e saúde do trabalhador. Essa posição situada favorece proximidade com o campo, mas também risco de vieses de confirmação, mitigados por codificação e discussão analítica em dupla, explicitação prévia de expectativas e retorno sistemático ao corpus sempre que emergiam discordâncias ou interpretações excessivamente alinhadas às vivências das pesquisadoras (Levitt et al., 2018).

Implicações práticas e políticas

O enfrentamento do sofrimento de docentes mães exige intervenções de caráter estrutural e organizacional, superando a tendência de transferir a gestão de conflitos sistêmicos para estratégias individuais de enfrentamento. Com base nos achados deste estudo, propõem-se ações articuladas em três níveis institucionais:

Ajustes avaliativos na carreira (Nível Macro): É urgente que as universidades brasileiras operacionalizem em suas resoluções internas os avanços iniciados por CAPES e CNPq. Isso implica: (a) incorporar formalmente o período de licença-maternidade e o tempo de cuidado reprodutivo nos critérios locais de avaliação de produtividade e progressão funcional; (b) flexibilizar prazos para entrega de relatórios de pesquisa, extensão e pós-graduação sem prejuízo à progressão na carreira; e (c) desconstruir métricas de desempenho que pressupõem uma disponibilidade ininterrupta do trabalhador, reduzindo a penalização indireta associada à maternidade.

Rotina laboral e suporte de gestão (Nível Meso): No cotidiano universitário, recomenda-se a criação de programas formais de mentoria para docentes em retorno de licença-maternidade, além de capacitação para chefias de departamento e coordenadores de pós-graduação sobre as assimetrias de gênero na divisão do trabalho acadêmico. Essa sensibilização deve resultar em uma distribuição mais equitativa de encargos didáticos e administrativos, evitando que a maternidade acarrete a exclusão de mulheres de cargos de liderança ou de pesquisa. Adicionalmente, as instituições devem assegurar a infraestrutura de apoio à parentalidade nos *campi*, como creches e fraldários, e negociar o agendamento sistemático de reuniões e atividades letivas em horários noturnos ou finais de semana.

Saúde mental sob perspectiva ocupacional (Nível Micro): As ações de promoção da saúde mental no ensino superior não devem se restringir a intervenções clínicas e terapêuticas individualizadas. Recomenda-se que as universidades desenvolvam políticas institucionais de monitoramento e prevenção de riscos psicossociais, focando no equilíbrio entre as demandas profissionais e a vida familiar. Reduzir o adoecimento docente requer transformar o desenho do trabalho que produz e sustenta o *double bind*, legitimando o cuidado como parte constituinte da sustentabilidade das carreiras científicas.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo compreender como a organização do trabalho acadêmico produz e sustenta o *double bind* vivenciado por docentes mães no ensino superior brasileiro. Os resultados confirmam que o sofrimento relatado não decorre de um acúmulo quantitativo de tarefas, mas de uma configuração organizacional paradoxal que exige a performance do trabalhador ideal e, simultaneamente, invisibiliza o tempo do cuidado. Em suma, a universidade brasileira, tal como retratada neste corpus, tende a demandar que essas docentes produzam como se não houvesse cuidado e cuidem como se não houvesse carreira.

A contribuição original deste estudo exploratório reside em propor um modelo analítico integrado de três eixos (condições institucionais, vivência subjetiva e impactos na saúde/carreira). Ao articular essas dimensões em um mesmo desenho qualitativo, a pesquisa demonstra que fenômenos frequentemente psicologizados e individualizados — como a culpa e o adoecimento mental — são, na verdade, efeitos subjetivos e estruturais de uma engrenagem acadêmica androcêntrica. O estudo avança também ao situar o *double bind* nas especificidades do contexto nacional, contrapondo a rigidez produtivista das instituições públicas à precarização didática das privadas, e evidenciando as contradições de políticas governamentais e de fomento (CNPq, CAPES) que, embora iniciem ações de equidade, ainda mantêm sistemas de avaliação inflexíveis à maternidade.

Do ponto de vista prático, os achados rompem com a perspectiva de responsabilização individualizada da docente pelo seu bem-estar, apontando que a promoção de saúde mental e a equidade na ciência exigem transformações de caráter organizacional. Isso impõe às universidades brasileiras a urgente incorporação do tempo de cuidado nos critérios locais de avaliação docente, a reestruturação física e administrativa de suporte à parentalidade (como creches e horários de

reuniões amigáveis) e a prevenção ativa de riscos psicossociais associados à divisão generificada do trabalho. Reconhecer institucionalmente o cuidado como parte constituinte do trabalho acadêmico é o único caminho para assegurar trajetórias docentes saudáveis, equitativas e sustentáveis no país.

Referências

- Acker, J. (1990). Hierarchies, jobs, bodies: A theory of gendered organizations. *Gender & Society*, 4(2), 139–158. <https://doi.org/10.1177/089124390004002002>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Borsoi, I. C. F. (2012). Trabalho e produtivismo: Saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 15(1), 81–100. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v15i1p81-100>
- Bosi, A. P. (2007). A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. *Educação & Sociedade*, 28(101), 1503–1523. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000400012>
- Botti, M & Figueiredo, P. K. (2024). As dimensões sociais da maternidade: Levantamento das teses na pós-graduação brasileira. In *IV Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência*. <https://doity.com.br/anais/ivsimplasiomaternidadeeciencia/trabalho/362811>
- Brasil (2012). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>
- Britton, D. M. (2000). The epistemology of the gendered organization. *Gender & Society*, 14(3), 418–434. <https://doi.org/10.1177/089124300014003004>
- Cech, E. A., & Blair-Loy, M. (2019). The changing career trajectories of new parents in STEM. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 116(10), 4182–4187. <https://doi.org/10.1073/pnas.1810862116>
- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (2023). Painel de fomento em ciência, tecnologia e inovação: Olhares e perspectivas. <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/2023.09.20PainelolharseperspectivasCNPq.pdf>
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (2024). Portaria nº 215, de 10 de Julho de 2024. <https://www.gov.br/capes>
- Dejours, C. (2012). *Trabalho vivo – Tomo II: Trabalho e emancipação*. Paralelo 15.
- Eagly, A. H., & Karau, S. J. (2002). Role congruity theory of prejudice toward female leaders. *Psychological Review*, 109(3), 573–598. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.109.3.573>
- Etheridge, M. (2025). Agency and cruel optimism in the care obfuscations of UK-based academic mothers. *Higher Education*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s10734-024-01373-0>
- Gemelli, C. E., & Closs, L. (2023). Precariousness of Higher Education Teaching Work in Brazilian Private HEIs. *BBR. Brazilian Business Review*, 20(3), 339–361. <https://doi.org/10.15728/bbr.2023.20.3.6.en>
- Hays, S. (1996). *The cultural contradictions of motherhood*. Yale University Press.
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595–609. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>
- Hoffmann, C., Zanini, R. R., Moura, G. L., Costa, V. M. F. & Comoretto, E. (2017). Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. *Estudos Avançados*, 31(91), 257–276. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142017.3191019>
- Levitt, H. M., Bamberg, M., Creswell, J. W., Frost, D. M., Josselson, R., & Suárez-Orozco, C. (2018). Journal article reporting standards for qualitative primary, qualitative meta-analytic, and mixed methods research in psychology: The APA Publications and Communications Board task force report. *American Psychologist*, 73(1), 26–46. <https://doi.org/10.1037/amp0000151>
- Liu, S., Brown, S. E. V., & Sabat, I. E. (2019). Patching the "leaky pipeline": Interventions for women of color faculty in STEM academia. *Archives of Scientific Psychology*, 7(1), 32–39. <https://doi.org/10.1037/arc0000062>
- Matias, A. R., Triches, M. I., Mininel, V. A., & Sato, T. O. (2026). Mais riscos psicossociais e menos qualidade de vida: O trabalho feminino na docência do ensino superior. *Trabalho, Educação e Saúde*, 24, e03711325. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs3711>
- Martins, L. F., Souza, F. R., & Freitas, J. M. (2024). *requalify.ai* (Version 0.1) [Software]. <https://requalify.ai>
- Montañez, M. R., & Livingston, B. A. (2024). What's in a norm? Deviation from the ideal worker norm as an explanation for backlash against leave-takers. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 97(4), 1681–1715. <https://doi.org/10.1111/joop.12535>
- Morley, L. (2013). *Women and higher education leadership: Absences and aspirations*. Leadership Foundation for Higher Education.
- Pecis, L., & Touboulis, A. (2024). Academic mothers and the practice of embodied care: Navigating and resisting uncaring structures in the neoliberal academy. *Equality, Diversity and Inclusion: An International Journal*, 43(5), 784–803. <https://doi.org/10.1108/EDI-07-2022-0194>
- Pereira, M. M., Andrade, R. S., & Andrade, R. B. N. M. (2026). *Saúde mental para igualdade de gênero nas universidades: Perspectivas interseccionais e práticas transformadoras*. Editora Dialética.
- Pinho, P. S., Freitas, A. M. C., Patrão, A. L., & Aquino, E. M. L. (2023). Estresse ocupacional, saúde mental e gênero entre docentes do ensino superior: Revisão integrativa. *Saúde e Sociedade*, 32(4), e210604pt. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023210604pt>
- Souza, K. R., Mendonça, A. L., Rodrigues, A. M., Felix, E. G., Teixeira, L. R., Santos, M. B., et al. (2021). Trabalho docente, desigualdade de gênero e saúde em universidade pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(12), 5925–5934. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212612.13852021>
- Torlig, E., Junior, P. R., Fujihara, R., Demo, G., & Montezano, L. (2022). Proposta de Validação para instrumentos de Pesquisa Qualitativa (Vali-Quali). *Revista Administração Ensino e Pesquisa*, 23. <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/2022>

- Viegas, M. F. (2022). Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica. *Educação E Pesquisa*, 48, e244193. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248244193>
- Ward, K., & Wolf-Wendel, L. (2016a). *Academic motherhood: How faculty manage work and family*. Rutgers University Press.
- Ward, K., & Wolf-Wendel, L. (2016b). Academic motherhood: Mid-career perspectives and the ideal worker norm. *New Directions for Higher Education*, 2016(176), 11–23. <https://doi.org/10.1002/he.20206>

Financiamento

Esta pesquisa contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), por meio do Edital "Ciência por Elas", incluindo bolsa de desenvolvimento científico e tecnológico (BDCT-1) concedida à pesquisadora responsável e recursos destinados ao custeio das etapas de coleta e análise dos dados. A pesquisa contou também com bolsas de iniciação científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

Contribuições:

Rayana Santedicola Andrade: Conceituação, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.

Roseli Alves Mendonça Borges: Investigação, Visualização, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.

Gabriela Ferreira do Nascimento: Investigação, Visualização, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.

Michelle Morelo Pereira: Aquisição de financiamento, Administração do projeto, Recursos, Supervisão, Visualização, Redação – revisão e edição.

Ligia Carolina Oliveira-Silva: Aquisição de financiamento, Supervisão.

Disponibilização de dados:

Os dados que fundamentam os resultados deste estudo poderão ser disponibilizados pela autora correspondente mediante solicitação razoável, observados os limites éticos e de confidencialidade aplicáveis aos dados qualitativos

Conflitos de interesse:

As autoras declaram não haver conflitos de interesse relacionados a esta pesquisa.

Recebido: 25 de fevereiro de 2026

Revisado: 8 de julho de 2026

Aceito: 31 de julho de 2026

Publicado: 3 de setembro de 2026